

## A literatura brasileira, minha causa e minha casa

Brasilian Literature, my cause, my home

Arnaldo Saraiva  
Universidade do Porto  
asaraiva@netcabo.pt  
<https://orcid.org/0000-0001-7060-1088>

Durante décadas nem eu me perguntei nem ninguém me perguntou como e porquê me tinha apaixonado pela cultura ou pela literatura brasileira - por sinal quando andava enredado na literatura espanhola e na literatura francesa.

Mas depois de publicar vários trabalhos sobre essa literatura, como *Para a História da Leitura de Rilke em Portugal e no Brasil*, *Carlos Drummond de Andrade: 60 Anos de Poesia*, *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português*, *Conversas com Escritores Brasileiros*, etc., tanto em Portugal como no Brasil passei a ouvir a pergunta com relativa frequência. Inicialmente não tinha nenhuma resposta satisfatória para ela, ou só tinha a não-resposta “creio que foi por acaso”, lembrando até que na aldeia beirã onde nasci e nas zonas beirãs onde fiz estudos secundários nunca encontrei brasileiros de verdade ou de torna-viagem, nem livros que me transportassem imaginaria ou culturalmente para o outro lado do Atlântico.

Mas a repetição da pergunta obrigou-me a pensar que podia haver razões que a minha razão desconhecia. E pouco a pouco lembrei-me que pelos meus 8 ou 9 anos, já sabia de cor passagens de marchinhas e canções brasileiras como “Está chegando a hora”, “Eu sou o pirata da perna de pau”, “Asa branca”, “Ave Maria do morro”, “Chiquita bacana” (e outras de cantores como Carmen Miranda, Luíz Gonzaga, Dalva de Oliveira, Sílvio Caldas), marchinhas e canções que ouvia na rua ou pela rádio acabada de chegar à minha aldeia, e que trauteava imitando o sotaque brasileiro, que achava mais sonoro e gracioso do que o português.

Um pouco mais tarde, pelos meus 13 ou 14 anos, um jovem professor do seminário do Fundão que eu frequentava, Álvaro do

Nascimento Terreiro, escolheu-me para entrar numa r cita em que eu e um colega dançamos e cant amos, com sotaque brasileiro, o dueto “Sarapico”, que por sinal provocou o g udio geral da plateia:

* i Chico Mari ,  i Chico Mari ,  
Esta gente linguaruda não mi deixa sosseg .*

...  
*Meu compadre Sarapico, deixe l  isso pass !  
 s vezes os burros brigam mas depois vão-se co  .*

(Tentaria bem mais tarde encontrar este dueto em livros de folclore ou de música e literatura popular; demorei muito a descobrir uma sua versão recolhida em 1984 no “cancioneiro popular” *Recordar   Viver* do padre jesuíta Ivo In cio Bersch, que nasceu em Arroio do Meio, Rio Grande do Sul, em 1933 e faleceu em Cascavel, Paraná, em 1998. Eu supunha que o meu professor nunca estivera no Brasil, e perguntava-me como   que ele conhecia o dueto, sem poder interrogá-lo por ter perdido o seu contacto quando ele partiu para Angola como capelão militar. Um dia, cerca de 5 décadas depois (!), fui surpreendido com um telefonema dele, que havia anos ensinava em Lisboa. Autor de 4 livros de poemas, assinados com o pseud nimo S  Vieira, gostaria que eu escolhesse alguns para uma antologia, que com o título *Aqui e Agora* publicar amos em 2017, poucos meses antes da sua morte. Mas tivera a oportunidade de saber por ele que o “Sarapico” o aprendera numa curta viagem que fizera ao Brasil, onde tinha familiares emigrados.)

No entanto, o que foi decisivo na minha conversão   cultura e   literatura brasileira foi, poucos anos depois, a leitura de um poema... em francês. Em 1960 eu frequentava o primeiro ano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa quando encontrei numa sua biblioteca uma *Anthologie de la Po sie Brésilienne Contemporaine*, publicada em Paris em 1954, com organiza o e tradu o es do poeta brasileiro A.D. Tavares Bastos, que se fixara em França em 1937. Na antologia, que representava 40 poetas, comecei a ler tranquilamente os poemas pela ordem da pagina o; mas a certa altura houve um poema cuja leitura me provocou um baque, uma emo o o ou como o o que me obrigou a relé-lo como que em transe. Tratou-se de “La fleur et la nausée”, de Carlos Drummond de Andrade, que me desassossegou e deslumbrou com versos como estes:

*Prisonnier de ma classe et de mes costumes  
je m’en vais habillé de blanc dans la rue grise.*

....

*Le temps est encore aux déchets, aux mauvais poèmes, aux hallucinations et aux attentes.  
Le temps pauvre, le poète pauvre  
se confondent dans la même impasse.*

....

*Les choses. Elles sont tristes, les choses considérées sans emphase.*

....

*Vomir cet ennui sur la ville.  
Quarante ans et aucun problème  
résolu, même pas posé.*

....

*Faites silence, arrêtez les affaires.  
Je vous assure qu'une fleur est née.*

Não descansei enquanto não li no original português esse poema que fora publicado no livro *A Rosa do Povo*, de 1945:

*Preso à minha condição e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.*

....

*O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.*

...

*As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.*

....

*Vomitar este tédio sobre a cidade.  
Quarenta anos e nenhum problema  
resolvido, sequer colocado.*

...

*Façam completo silêncio, paralise os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.*

Escrito em tempo de grande guerra e de debates filosóficos existencialistas, este poema viria a ter nas últimas décadas um sucesso que previ logo que o li pela primeira vez. Como escrevi em tempos, eu fora sensível ao que nele me parecia muito novo, muito original, e muito expressivo: o verso elíptico e sincopado; as metáforas, as imagens e as associações inusitadas; um sujeito enunciador caminhando pela rua movimentada da capital até se sentar no seu chão, paralisado pelo nascimento de uma estranha flor; o contraste entre o seu vestuário “branco” e o “cinzento” da rua; as transições rápidas e mescladas das alusões a um transeunte urbano carregado de problemas não resolvidas e revoltado, ou a um poeta pobre, incapaz de comunicar e obrigado a

lidar com palavras que transportam enigmas, para as alusões a um tempo “ainda de fazes, maus poemas”, às coisas tristes, a circunstâncias temporais, espaciais e sociais (sol, nuvens, mundo, rua, asfalto, capital, classe, mercadorias, homens, jornais, crimes, leiteiros, padeiros, polícia); e finalmente a referência a uma súbita irrupção natural mas anormal, como a das “rosas bravas” de Camilo Pessanha - num lugar improvável, no meio de uma rua onde corria o “rio de aço do tráfego” - de uma flor também anormalmente feia que, apesar disso, não deixa de representar uma “esperança mínima” ou uma pequena vitória contra “o tédio, o nojo e o ódio”.

Este poema levou-me logo para todo o Drummond, e por ele para toda a literatura brasileira, mas também para o Brasil, onde fui preparar a minha tese de licenciatura sobre o poeta, e onde pude conhecer ou conviver com numerosos e qualificados escritores como, além de Drummond, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Vinicius de Moraes, ou Augusto e Haroldo de Campos, por exemplo.

Tornando-me mais tarde professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras do Porto, onde fui co-fundador da cadeira, mas também noutras universidades (da Califórnia em Santa Barbara, da Sorbonne Nouvelle), e dela falando em muitos lugares nacionais e internacionais facilmente me dei conta da singularidade e importância da literatura ou da cultura brasileira. Como já disse noutra lugar, a literatura brasileira é desde há muito, por razões que só se explicarão magicamente, uma causa da minha vida. Globalmente, ela dá-me prazeres e horizontes distintos dos que me dão outras literaturas, ela interessa-me pelo que prolonga, renova ou inova em relação à literatura ou literaturas de que nasceu, ela fascina-me pela sua diversidade, ousadia verbal e originalidade referencial. É por isso uma causa a que com proveito me entrego e que com prazer tenho servido ou defendido em vários países, alguns dos quais contam já com vários prémios Nobel, quando ela não conta com nenhum. Nem precisa - basta-lhe que tenha génios não premiados como Machado de Assis, Drummond, Guimarães Rosa, Clarice Lispector. A literatura brasileira foi e é para mim uma causa mas é também uma casa, onde me sinto como numa muito ampliada casa portuguesa com certeza - a casa materna e paterna da minha língua viva e vivificante.

Falei numa explicação mágica para o meu relacionamento com o Brasil, ou com a sua cultura e a sua literatura. Além do que já referi, com evidente destaque para o efeito da leitura do poema de

Drummond, não posso terminar sem uma referência ao seguinte, em que só pensei muitos anos depois dessa leitura:

- Nasci numa aldeia que dista apenas cerca de meia centena de quilômetros de Belmonte, a terra de Pedro Álvares Cabral, o “descobridor” do Brasil;
- Nasci num dia 12 de outubro, dia da celebração da “descoberta” da América, dia da festa da padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Aparecida, dia do aniversário do nascimento (em 1798) do que foi o proclamador da independência do Brasil, D. Pedro I, que também foi aclamado como imperador num dia 12 de outubro (de 1822).

Disse no fim de um grande discurso o grande Guimarães Rosa: “o mundo é mágico”. Alguém duvida?